

O VIÉS BIOGRÁFICO DO JORNALISMO: MODOS DE NEGOCIAÇÃO

THE BIOGRAPHICAL BIAS OF JOURNALISM: TRADING MODES

Edição v.35
número 1 / 2016

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), v. 35, n. 1
abr/2016-jul/2016

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

MOZAHIR SALOMÃO BRUCK

Pós-doutor pela Universidade Fernando Pessoa (Porto). Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pesquisador do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Brasil.
mozahir@uol.com.br

BRUNA RAQUEL DE OLIVEIRA SANTOS VIDA

Mestra em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Jornalista pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Brasil.
brunaraquelsantos@gmail.com

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRUCK, Mozahir; SANTOS VIDA, Bruna Raquel. O viés biográfico do jornalismo: modos de negociação. *Contracampo*, Niterói, v. 35, n. 01, pp. 27-44, abr./jul., 2016.

Enviado em: 09 de setembro de 2015 / Aceito em: 19 de fevereiro de 2016

DOI - <http://dx.doi.org/10.20505/contracampo.v35i1.835>

Resumo

Neste artigo, interessa-nos observar os modos como as narrativas de natureza biográfica valeram-se, em sua construção, das substâncias informativas jornalísticas que contribuíram, de alguma maneira, para alimentar percepções acerca de pessoas de notoriedade pública. Assim, para efeito de nossa reflexão neste artigo, nos valem de três biografias que abordaram as vidas de duas figuras muito populares no Brasil: Wilson Simonal e Mané Garrincha. Sobre Garrincha, o livro de Ruy Castro, *Estrela Solitária, um brasileiro chamado Garrincha*, e sobre o cantor Wilson Simonal, *Nem vem que não tem: a vida e o veneno de Wilson Simonal*, de Ricardo Alexandre (2009), e *Quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga: Wilson Simonal e os limites de uma memória tropical*, de Gustavo Alonso (2011). Nessas obras, o que se percebe é que notícias, reportagens, artigos e fotos/ilustrações foram utilizadas como importantes fontes de informações que alimentaram tais narrativas memorialísticas.

Palavras-chave

Jornalismo. Memória. Biografias.

Abstract

In this article, we are interested in observing the ways in how narratives of biographical nature relied, in its construction, of journalistic informative substances that contributed, in some way, to reinforce perceptions about public notoriety people. Thus, for purposes of our analysis in this article, we based on the three biographies that have approached the lives of two very popular figures in Brazil: Wilson Simonal and Mané Garrincha. About Garrincha, the book of Ruy Castro, *“Estrela Solitária, um brasileiro chamado Garrincha”*, and about Wilson Simonal, *“Nem vem que não tem: a vida e o veneno de Wilson Simonal”*, from Ricardo Alexandre (2009), and *“Quem não tem swing more com a boca cheia de formiga: Wilson Simonal e os limites de uma memória tropical”*, from Gustavo Alonso (2011). In these works (books), what we see is that news, reports, articles and photos / illustrations were used as important sources of information that contributed to such memorialistics narratives.

Key-words

Journalism, Memory, Biographies.

Considerações táticas

Tomando-se por princípio que o passado nunca está concluído (BRUCK, 2009), as biografias podem mostrar-se um ambiente narrativo potente para se refletir sobre as negociações, sobreposições e rearranjos que memória, história e jornalismo estabelecem entre si. Narrativa prevalente do presente em deslize, o jornalismo, por sua natureza também documental, acaba, ao seu modo, por referenciar e nutrir processos de construção memorialística. Independentemente das mídias que os suportam, registros textuais e imagéticos referenciam e nutrem nossas percepções do passado mais recente – por assim dizer, uma refração da refração. Neste artigo, interessa-nos observar os modos como as narrativas de natureza biográfica valeram-se, em sua construção, das substâncias informativas jornalísticas que contribuíram, de alguma maneira, para alimentar percepções acerca de pessoas de notoriedade pública. Assim, para efeito de nossa reflexão neste artigo, nos valem de três biografias que abordaram as vidas de duas figuras muito populares no Brasil: Wilson Simonal e Mané Garrincha. Sobre Garrincha, o livro de Ruy Castro, *Estrela Solitária, um brasileiro chamado Garrincha*, e sobre o cantor Wilson Simonal, *Nem vem que não tem: a vida e o veneno de Wilson Simonal*, de Ricardo Alexandre (2009), e *Quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga: Wilson Simonal e os limites de uma memória tropical*, de Gustavo Alonso (2011). Nessas obras, o que se percebe é que notícias, reportagens, artigos e fotos/ilustrações foram utilizadas como importantes fontes de informações que alimentaram tais narrativas memorialísticas. Em seu estudo sobre biografias acerca de Wilson Simonal, Santos (2013) assinala que as duas biografias sobre o cantor valeram-se fortemente da imprensa como base referencial de informações sobre a vida do cantor.

Cabe considerar que, nas últimas décadas, o biográfico passou a ter centralidade na cobertura midiática e que “se, no passado, era preciso ler a biografia de uma estrela para conhecer passagens de sua intimidade que ela julgasse conveniente divulgar, hoje a biografia é escrita diariamente na mídia” (PENA, 2002, p.9). Ainda, muitos dos acontecimentos apresentados pela mídia mostram não apenas situações de ordem particular de suas personagens, mas também do contexto social em que se enquadram. Assim, os leitores, telespectadores e ouvintes passam a ter conhecimento da vida das personagens públicas a partir da leitura de matérias e reportagens jornalísticas.

Como se perceberá na análise das biografias sobre a trajetória de Simonal, o jornalismo é, muitas vezes, fonte de informação para pesquisas que auxiliam na construção da narrativa biográfica. Barbie Zelizer (ZELIZER apud

LOPES, 2007, p. 148), ao estudar a construção da memória coletiva sobre a morte do ex-presidente norte-americano John F. Kennedy pela mídia, apontou que a morte de Kennedy foi um momento importante para os jornalistas, ao contarem e recontarem os fatos, reafirmarem-se como contadores legítimos do acontecimento e intérpretes oficiais da realidade. Além disso, os repórteres tecem as narrativas sobre o assassinato, contribuindo para a construção e reconstrução de uma memória coletiva do acontecimento.

Zelizer refletiu sobre o papel dos meios de comunicação na construção da realidade e sua contribuição em moldar as memórias sobre os acontecimentos. Os grupos – jornalistas, historiadores, professores, políticos – utilizam-se de certa autoridade cultural ao narrarem a realidade moldando-a de acordo com os termos e critérios internos a esses grupos. Ou seja, a construção da realidade pelo jornalismo está submetida a uma cultura jornalística e às práticas dos profissionais, assim como a construção da realidade por parte dos historiadores está submetida às práticas desta profissão. São, portanto, comunidades interpretativas. Dessa forma, o jornalismo seria uma possibilidade de interpretação da realidade que, ao narrar, faz suas escolhas, conscientes e/ou inconscientes, do que deve vir à luz e o que deve permanecer na sombra.

Consideramos, portanto, que as narrativas produzidas pelo jornalismo impactam o chamado repertório geral social de modos distintos. Entretanto, não é na sucessão de notícias de ontem, de hoje e de amanhã que será estabelecida uma narrativa, mas “a coesão da história só será plena na virtualidade da experiência cognitiva e simbólica do receptor, na imaginação narrativa do leitor ou ouvinte” (MOTTA, 2006, p.57). Ou seja, segundo Motta (2006), o texto jornalístico será um estimulante da fusão de horizontes de expectativas para a (re)construção de uma coerência narrativa que leve o leitor a uma experiência cognitiva da realidade.

Jornalismo e conhecimento

As tipificações por meio das quais os indivíduos “processam” a vida cotidiana na sociedade reúnem-se no que Schutz denominou de acervo de conhecimentos disponíveis. E é por meio das tipificações que apreendemos o mundo e por meio delas (ao constituirmos tipos em relação aos mais variados contextos, circunstâncias e ambientes) que enlaçamos distintos níveis de familiaridade com o que nos rodeia e tudo aquilo a que acedemos – têm origem nas experiências que vivenciamos e também do que aprendemos. Poder-se-ia dizer, de modo muito simplificado, que as tipificações dizem respeito aos modos como objetivamos nossas primeiras percepções – em

nossos pensamentos e ações – na e da vida cotidiana.

Deve-se enfatizar que a interpretação do mundo em termos de tipos, como entendida aqui, não é resultado de um processo de racionalização, muito menos de conceituação científica. [...] Assim, as tipificações do senso comum – em oposição às tipificações feitas do cientista, especialmente, pelo cientista social, – emergem, na experiência cotidiana do mundo, como pressupostos, sem qualquer formulação de julgamentos ou proposições claras, com sujeitos e predicados lógicos. Elas pertencem, usando um termo fenomenológico, ao pensamento pré-predicativo. (SCHUTZ, 1979, p. 118).

Schutz (1979) discriminou importantes funções dos sistemas de relevâncias e tipificação: *i)* determinam quais os fatos ou eventos têm que ser tratados como essencialmente homogêneos, de modo a receberem tratamento tipicamente igual; *ii)* transformam ações individuais únicas em funções típicas de papéis sociais típicos, que se originam em motivações típicas e também com finalidades típicas; *iii)* funcionam tanto como um código de interpretação quanto como um código para cada membro de um grupo, constituindo, assim, um universo de discurso entre eles; *iv)* o sucesso nos processos de interação depende, em boa medida, da congruência entre os códigos de orientação e interpretação entre os atores em relação, o que faz com que o código tenda a ser estandardizado e o sistema de relevâncias, institucionalizado. Schutz (1979) demarca que os vários meios de controle social (leis, regras, rituais etc.) servem exatamente a esse propósito e *v)* é no sistema de relevâncias e tipificações socialmente aprovado que as relevâncias (escolhas) e tipificações (percepções) dos indivíduos são modeladas e se originam. E assim o é mesmo que, em dado momento, um sujeito tenha percepções e interesses díspares e mesmo conflitantes ou, como delineia Schutz, “todos os objetos, fatos e eventos são homogêneos na medida em que são relevantes para o mesmo problema” (SCHUTZ, 1979, p. 120).

Em sua leitura sobre a obra de Schutz, Correia (2005) destaca que é um quadro culturalmente bastante rico, pois trata-se de uma sedimentação da experiência e das aprendizagens, podendo ser compreendido como o modo de estabelecer regularidades num mundo ameaçado pela contingência” (CORREIA, 2005, p. 131). O mundo social, como mostrou Schutz (1979), só pode ser percebido e experimentado como típico. E as tipificações inscrevem-se na pressuposição de que existe no mundo uma ordem garantida, ou seja, que o mundo existe e faz sentido, podendo ser explicado por esse conjunto de conhecimentos disponíveis. Em se tratando do jornalismo, na visão de Correia, é exatamente nessa usinagem do acontecimento em notícia que se dá o fenômeno da construção da realidade pelo jornalismo. O autor assinala que na passagem do acontecimento à sua descrição, o “acontecimento-notícia”

tem, inevitavelmente, que ser relacionado com a realidade social, operando-se aí uma produção de sentido por meio das práticas e circunstâncias do fazer jornalístico.

As tipificações são a forma que a atitude natural do mundo da vida tem de lidar com a erupção generalizada da novidade. [...] aos olhos dos agentes que o integram, as tipificações permitem lidar com essas mudanças de um modo que lhes parecem evidentes. Nesse sentido, até acontecimentos como a morte são tipificados de um modo que lhes permite serem absorvidos pela visão relativamente natural do mundo que faz parte da vida cotidiana. [...] Os *media* lidam com acontecimentos que se desejam inesperados, brutais, diferentes, suficientemente díspares e invulgares para que possam continuar a merecer atenção. (CORREIA, 2005, p. 132).

Esse processo de construção simbólica coloca em crise, *a priori*, o desejo de um processo autônomo do jornalismo de absoluta objetividade e a notícia acaba por constituir-se um produto social intersubjetivo. "A realidade passa a ser uma construção, o produto de uma atividade especializada, dependendo em grande parte das práticas das profissões ligadas às produções mediáticas, designadamente a profissão jornalística". (CORREIA, 2005, p. 132).

Correia (2005) percebe tal processo presente no modo como os *media* e o jornalismo se relacionam e fazem a mediação da realidade, tentando conscientemente adotar, ao descrevê-la, "uma forma ingênua, pré-reflexiva, independentemente de qualquer questionamento sobre a natureza dessa realidade". O autor estabelece o que em sua visão seria a relação entre a linguagem jornalística e a atitude natural.

No contexto de condicionantes socioculturais em que vivem, os *media* correm um risco acentuado: circunscrevem-se à divulgação do conjunto de crenças que constituem a atitude natural de um determinado grupo, no sentido que a Fenomenologia social dava ao termo, ou seja, uma atitude perante o mundo caracterizada por um interesse eminentemente prático, e pela fé ingênua na realidade e na permanência do mundo percebido. A insistência na agradabilidade, a preocupação evidenciada pelo estilo jornalístico em tornar as narrativas facilmente compreensíveis e reconhecíveis aos cidadãos típicos, implica que o jornalista reflita as tipificações e relevâncias consideradas dominantes. (CORREIA, 2005, p. 135).

Fundamentando sua discussão a partir da noção dos sistemas de relevância de Alfred Schutz, Correia (2005) salienta que um dos problemas de uma relação desse tipo com a realidade é que o jornalismo, por meio das notícias, apresenta um senso comum sem contexto, ou seja, "não fornece

instruções acerca de 'como as coisas são' mas acerca de como elas se encaixam na ordem das coisas". E, ao contar histórias acerca de como é a ordem das coisas, as instituições noticiosas oferecem simultaneamente uma valoração moral e uma percepção da hierarquia social que pode ser observada mesmo nos modos como são operados os valores-notícia que emergem da eleição dos assuntos, fontes e entrevistados dos veículos jornalísticos. "Nesse sentido, conclui Correia, as notícias também constroem os arranjos institucionais e práticas sociais mais adequados tornando-se operadores de uma ordem convergente" (CORREIA, 2005, p. 135). Em relação às noções em questão, interessam-nos, em especial, discutir e tentar perceber os modos como num quadro amplo de sistemas de relevância o jornalismo atua, destacando e ampliando a relevância dos acontecimentos e das temáticas, e como se vale de operações tipificantes para lidar com as irrupções que acabam por constituir a cotidianidade do mundo da vida. Em especial, como o jornalismo parece estabelecer complexos movimentos de retroalimentação da memória coletiva, valendo-se de percepções que, mesmo não exatamente fundamentadas historicamente, acabaram por se cristalizar no ambiente social, alimentando o que Correia nomeou de ordem convergente.

É no contexto das reflexões de Schutz (1979) e da leitura que dele nos proporciona Correia (2005) que avançamos em nossa proposição de tensionamento entre o jornalismo e sua vocação para a narrativa imediata e como substância da memória. Tomando-se as funções sinalizadas por Schutz para os sistemas de relevância e os quadros de tipificação, é inevitável que se lancem perguntas efetivas sobre os modos como, no exercício cotidiano do jornalismo, constituímos no presente as percepções de acontecimentos e situações que no futuro se oferecerão como chaves mestras para a compreensão do passado. Um jogo de temporalidade em que o jornalismo nem sempre é mero coadjuvante, mas balizador efetivo dos sentidos e interpretações que se cristalizarão, retroalimentando e enviesando (des) entendimentos e (in) compreensões.

Jornalismo e memória

Ao sinalizar para a distinção entre memória coletiva e individual, Halbwachs (1990) aponta para a relação de dependência entre as duas possibilidades de memória. Para que uma exista é necessário que a outra também seja real. Para ele, são as lembranças coletivas de um grupo que reúnem seus membros. Para Halbwachs, o convívio entre os membros de uma comunidade é essencial para que as recordações sejam atualizadas, permitindo assim que o grupo se identifique como tal e evite seu desaparecimento. As

rememorações coletivas – no plural, por serem vários grupos e guardadas no interior deles – não permitem que as lembranças sejam apagadas e mantêm o grupo como tal.

O simples fato de relatar os acontecimentos passo a passo não torna uma lembrança viva para a pessoa. Halbwachs concorda que as imagens impostas por um grupo a um indivíduo podem modificar a impressão que este pode ter guardado do passado. É preciso ter algo em comum com um conjunto de depoimentos exteriores a nós, como uma semente de rememoração, para que eles – os relatos – tornem-se um conjunto consistente de lembranças. Caso contrário, por mais que tentem as testemunhas refazer os acontecimentos, será inútil, já que não existirá lastro algum na memória.

Se um indivíduo não consegue reconhecer-se como parte integrante de um determinado grupo, estaria impossibilitado de reconstituir, pela lembrança, acionada com os demais integrantes, o antigo grupo e, assim, a memória já não seria a mesma. “Esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam.” (HALBWACHS, 1990, p.32). A impossibilidade de reconstituir o grupo não é culpa das memórias de nenhum indivíduo. Pode ser explicado pelo desaparecimento de uma memória coletiva que compreendia a memória de todos que participavam de um determinado grupo. Mas, se a memória coletiva é amparada em um grupo de homens, o que poderíamos pensar sobre a memória individual?

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. (HALBWACHS, 1990, p.51)

Na construção narrativa de trajetórias de vida de um indivíduo, o biógrafo lida com as memórias individuais e coletivas em movimentos de negociação e tensão entre uma e outra. Fontes consultadas expõem suas perspectivas e versões a partir de percepções individuais que estão associadas, de algum modo, às coletivas. Além disso, nas informações e descrições coletadas podem haver, intencionalmente ou não, visões e valores acerca do biografado e de sua trajetória. Ou seja, cada fonte terá o seu entendimento e mesmo interesse e, certamente, uma imagem sobre o biografado que será sempre resultado de percepções e lembranças que vão sendo construídas e negociadas permanentemente e, por isso mesmo, estão em constante alteração.

Ao tratarem do conhecimento da vida cotidiana por meio de seus processos de objetivação, Berger e Luckmann (2003) destacam que é por meio da linguagem da vida cotidiana que os indivíduos estabelecem processos de subjetivação dos mais variados campos e, predominantemente, utilizam a linguagem comum da vida cotidiana para narrar experiências distintas, como contar sonhos. Como mencionado acima, não podemos negar a função dos *media* – aqui nos interessando os jornalísticos – de interferirem na construção de diversas experiências, sejam individuais ou coletivas. Essa importância dada aos veículos jornalísticos pode ser explicada pela transformação do jornalismo em um “narrador do cotidiano”.

Ele [o jornalismo] é apontado como um dos principais responsáveis pela divulgação dos mais variados eventos que ocorrem em nossas complexas sociedades, e somente a partir dele é possível difundir temas e acontecimentos que, de outra forma, ficariam restritos aos seus locais de ocorrência. (CARVALHO, 2012, p. 50)

Nora (1976) destaca que, de modo muito intenso, no século XX a sociedade passou a viver o presente com um sentido histórico. Uma das explicações para isso seria a culminância de um novo fenômeno: o acontecimento. Com essa mudança histórica, em que os historiadores perdem lugar para os *media*, “nas nossas sociedades contemporâneas é por intermédio deles [os *media*] e somente por eles que o acontecimento marca a sua presença e não nos pode evitar” (NORA, 1976, p.181). Segundo Nora, nesse momento de mudança o “fazer história” deixa de ser um privilégio dos historiadores – que antes delegavam valor e lugar aos acontecimentos – e passa a ser uma atribuição dos *media*, isto é, os acontecimentos passam a ser exteriores aos historiadores.

No *Retorno do acontecimento*, Nora (1976) reflete sobre as relações entre o jornalismo, memória e história, ao discutir o papel que cabe na sociedade hoje ao historiador, já que os acontecimentos são contados (mediatizados) no próprio presente. Outra característica apontada por Nora nos processos de transformação é a aproximação do acontecimento ao fato cotidiano e a existência permanente de um repórter-espectador ou espectador-repórter.

O próprio do acontecimento moderno encontra-se no seu desenvolvimento numa cena imediatamente pública, sem não estar jamais sem repórter-espectador nem espectador-repórter, em ser visto se fazendo, e esse “voyeurismo” dá à atualidade tanto sua especificidade com relação à História quanto seu perfume já histórico. (NORA, 1976, p. 185)

Nora demonstra que é por meio dos *mass media* que a sociedade tem acesso aos acontecimentos, mas que sua simples ocorrência não é

garantia de que sejam definidos como acontecimento. Para que assim sejam considerados, é preciso que se tornem conhecidos e esse é o papel dos *media*. (NORA, 1976, p. 181). Nessa perspectiva, o historiador deixa de ter privilégios até então exclusivos de sua função. Não cabe a ele mais definir o que entrará para a história já que, segundo Nora (1976),

De agora em diante, o acontecimento oferece-se a ele do exterior, com toda a força de um lado, antes de sua elaboração, antes do trabalho do tempo. E mesmo com muita mais força na medida em que os *media* impõem imediatamente o vivido como história, e que o presente nos impõe em maior grau o vivido. Uma imensa promoção do imediato ao histórico e do vivido ao lendário opera-se no momento mesmo que o historiador se encontra confuso nos seus hábitos, ameaçado nos seus poderes, confrontado com o que se aplicava, em outro lugar, a reduzir. (NORA, 1976, p. 183 e184)

Tomando-se a notícia como um discurso do imediato fragmentado, o que por certo já demarcaria, *a priori*, suas limitações em termos do conhecimento do mundo, o jornalismo, em termos de suas configurações mais habituais, parece colocar em questão suas possibilidades em termos de substância para nutrir seja a memória coletiva ou mesmo de estabelecer-se como referência para própria história.

Se de um lado Pierre Nora coloca em questão o papel do historiador na atualidade, por outro contrapõe enfaticamente memória e história. No seu *Les lieux de mémoire* (1984), o autor francês defende que longe de serem sinônimos, memória e história apareceram posteriormente como se estivessem numa "oposição fundamental". Para ele, a memória é a vida, vivenciada por sociedades vivas, fundadas em seu nome. Ela permanece, destaca Nora, em perene evolução "aberta à dialética do lembrar e do esquecer, inconsciente a suas sucessivas deformações, vulnerável a manipulações e apropriações e suscetível a longos repousos e periódicos renascimentos". A história, uma produção intelectual e secular, segundo Nora, se liga à análise e à crítica:

A memória instala a lembrança dentro do sagrado; a história, sempre prosaica, a liberta novamente. A memória é cega a tudo o que não seja o grupo que ela une. [...]. A história, por outro lado, pertence a todos e a ninguém, e daí sua reivindicação à autoridade universal. A memória se enraíza no concreto, em espaços, gestos, imagens e objetos; a história se lega estritamente a continuidades temporais, a progressões e relações entre coisas. A memória é absoluta, enquanto a história pode apenas conceber o relativo. [...]. No coração da história está um discurso crítico que é antitético à memória espontânea. A história suspeita eternamente da memória, e sua missão na verdade é suprimi-la e destruí-la. (NORA, 1984, p.223)

Entendendo-se a memória coletiva como o resultado dessa permanente negociação entre os arranjos sociais da memória, o imaginário individual e as percepções construídas coletivamente, a memória pode ser compreendida como sendo muito mais do que uma prática de recuperar no tempo fatos, informações e circunstâncias, mas o modo como, no presente, enquadramos o que nos antecedeu. Mas tratam-se, sempre, de (re)inscrições marcadas pela complexidade da apropriação discursiva nos distintos campos em que esta se dá: seja nos grupos de interesse, comunidades ou pela própria mídia. Na contemporaneidade, as narrativas memorialísticas parecem adquirir aspectos que transcendem a exclusiva revelação de um perfil/época/trajetória e despontam como sintoma, de natureza retórica, de complexos processos culturais na tentativa de compreender e desvelar o mundo.

Simonal e Garrincha: a imprensa como fonte e personagem biográficas

De modo distinto, os biógrafos Ruy Castro (Garrincha) e Ricardo Alexandre e Gustavo Alonso (Simonal) valeram-se dos registros da mídia – jornais, revistas, programas de rádio e televisão, documentários etc. – para comporem as biografias que escreveram sobre o jogador e o cantor. Ambos marcaram sua época e instalaram-se na memória e no imaginário da sociedade e da própria cultura brasileira em função de suas movimentadas vidas privadas que, de modo explosivo, ganharam o espaço midiático – luxo, festas, excessos, traições, acidentes automobilísticos, passagens policiais, solidão e abandono. Do absoluto sucesso ao ostracismo, as histórias de Garrincha e Simonal parecem ter, respeitadas suas distintas épocas e mesmo perfis e contextos históricos e sociais, muitas semelhanças.

Na biografia sobre Wilson Simonal escrita por Ricardo Alexandre – *Nem vem que não tem: a vida e o veneno de Wilson Simonal* (2009) – as referências aos jornais e revistas utilizadas para a pesquisa do autor somaram um total de 67, prevalecendo as citações dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil* (16 referências a cada jornal). Já na biografia escrita por Gustavo Alonso – *Quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga: Wilson Simonal e os limites de uma memória tropical* (2011) – foram feitas 344 referências às revistas e jornais apresentadas em notas de rodapé. O jornal mais citado foi *O Pasquim*, com 48 citações.

Alexandre se utiliza do jornalismo como forma de comprovação de passagens na vida de Wilson Simonal, como em casos da infância e adolescência do cantor. “Orgulhosa, dona Maria dizia que seus filhos nunca haviam subido o morro. ‘Não teria nada de mais, mas foi melhor assim.

Sempre brincaram com os filhos dos patrões. Dividindo o quintal dos ricos, diversas vezes Simonal e Zé Roberto colocaram sua capacidade de resignação à prova” (ALEXANDRE, 2009, p.22). A citação destacada nesta referência é da revista *Realidade* de dezembro de 1969. Quando começa a falar em política, Alexandre mostra as referências ao jornalismo para contestar algumas fontes e ir ao encontro do que ele entende de Simonal.

Embora o próprio cantor jamais tenha usado esse argumento, os fãs mais reducionistas gostam de repetir que Simonal era uma pessoa apolítica, alienada e ignorante nos rumos da direita e esquerda brasileiras. Pode funcionar para justificar – ou explicar – boa parte de seus tropeços futuros, mas não é verdade. Simonal era, definitivamente, simpático ao golpe de 1964. Ele próprio admitiu: “*Não havia outra saída além do golpe militar]. Não tínhamos nenhuma liderança política. Nada mais correto do que os militares assumirem o poder em um momento de caos*”. (ALEXANDRE, 2009, p.176)

O trecho destacado acima é da *Folha de S. Paulo*, 22 de agosto de 1982, e foi utilizado para defender que o cantor não era alienado; no entanto, o autor afirmou em seguida que isso era comum e que “na época, declarar-se a favor do golpe era colocar-se contra a criação de um ‘Cubão’, uma ditadura comunista no Brasil – e não, ao menos declarada ou necessariamente, uma opção antidemocrática” (ALEXANDRE, 2009, p.176). Nesta citação, Alexandre contextualizou a notícia, relativizando-a. Vale ressaltar que a notícia é um discurso do presente e no presente, inexistindo um distanciamento temporal dos acontecimentos e das narrações sobre os fatos.

Mas Alexandre também utiliza as matérias jornalísticas para comprovar que o cantor não tinha uma posição política definida.

Simonal não era de direita ou de esquerda. Mais preciso seria dizer que o cantor era um desencantado político e um artista livre de ideologias: “Antigamente, eu andava empolgado com a esquerda festiva – não me envergonho de dizer que já estive meio nessa, sabe como é, a gente vai estudando, fica com banca de inteligente e pensando que é o tal, achando que muita coisa estava errada [...] Passeata é um negócio da maior boboquice. Não resolve nada. Depois que o cara casa, tem família, vai vendo que não tem dessas coisas. Quando é jovem, acha que passeata, baderna, anarquia resolvem [...] Estudante tem que estudar” (ALEXANDRE, 2009, p.177)

A citação “Antigamente, eu andava empolgado... achando que muita coisa estava errada” foi retirada do jornal *O Pasquim* e “Passeata é um negócio da maior boboquice... Estudante tem que estudar” é uma citação da revista *Realidade*, ambas de 1969, sendo a primeira de julho e a segunda de dezembro. Ricardo Alexandre faz as referências às fontes utilizadas apenas

em notas de fim. Apenas algumas são sinalizadas no texto. Podemos inferir que, assim como o jornalista tenta apagar de seu texto traços da narrativa a fim de que o leitor possa entendê-lo como o fato em si, o biógrafo-jornalista também o faz.

Alonso (2011), como percebemos pelo levantamento de referências a jornais e revistas citado acima, utiliza-se com frequência desse tipo de fonte. São mais de 300 citações de notícias, reportagens e entrevistas demarcadas no próprio texto como notas de rodapé. O autor faz uso do jornalismo como referência ao longo de toda a narrativa e em diferentes momentos da vida do cantor, como a sua infância, o seu sucesso e o seu ostracismo.

Alonso também utiliza as referências jornalísticas como comprovação de situações ocorridas ou mesmo de falas do cantor

Como gostava das três canções, Simonal se dizia incapaz de escolher apenas uma das três. Ironizando, chegou a propor a escolha através "dos palitinhos". Mais sensata, a organização decidiu que o presidente [o Simonal] não defenderia nenhuma das três. Ele concordou, pois assim silenciava os boatos que já corriam: "Havia muita gente achando que o Festival tinha sido feito pra mim. (...) Então, permitam-se o cabotismo, haveria uma certa desvantagem para os outros intérpretes, porque a minha figura interpretando uma música já levava o público para o meu lado. Isso não seria, em sua consciência, um negócio honesto, profissional, podendo facilitar ou prejudicar a vitória das músicas" – *Diário de Notícias* (25/9/1969) (ALONSO, 2011, p.58)

Entretanto, o biógrafo também reconhece em seu livro alguns equívocos decorrentes dos meios de comunicação, como em relação ao ano de nascimento de Wilson Simonal, que nasceu em 23 de fevereiro de 1938.

Há um erro muito comum acerca do ano do nascimento de Simonal, especialmente na internet e, em consequência, em grande parte da imprensa. Várias vezes vi o ano de 1939 como o de nascimento, o que está errado. Para comprová-lo, entrei em contato com os filhos do cantor, assim como constatei em entrevistas do cantor a data precisa. Contudo, não consegui entender o motivo de tal erro". (ALONSO, 2011, p.77)

O que se pode perceber pela análise das duas biografias selecionadas para este estudo é que nem sempre os autores problematizam os conteúdos de notícias e reportagens sobre Simonal e acabam por utilizá-las, de modo acrítico, para legitimar aqueles aspectos que querem que fiquem como verdade ou, em outras situações, para contestar episódios/informações.

Ricardo Alexandre, jornalista, escreveu a biografia sobre Wilson Simonal tomando como base o fazer jornalístico, no sentido de valer-se de fontes

primárias, secundárias, realizar entrevistas com pessoas que conviveram ou vivenciaram situações juntamente com o Simonal. São pessoas que deram seus testemunhos de acordo com suas visões. Assim como o fazer do jornalismo diário, que pode ser considerado como um discurso segundo (RODRIGUES, 1993).

Já a biografia publicada por Gustavo Alonso é fruto de sua pesquisa de mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense, defendida em 2007. Alonso não tem interesse em defender o cantor e contribuir para a sua “absolvição”, mas questiona e tenta entender os porquês desse silenciamento em relação a Simonal e os motivos de alguns artistas serem excluídos de uma memória coletiva. O objetivo é recontar uma história da música brasileira que alguns não quiseram na memória. Segundo o autor, o objetivo é sair dos discursos recorrentes da MPB no campo da *resistência* e falar daqueles que se identificaram com o regime militar ou que foram indiferentes a ele. Essa indiferença, como aponta Alonso, está mais submersa em sombras por não deixar rastros, é “um terreno pantanoso para a análise” .

Já em *Estrela Solitária, um brasileiro chamado Garrincha*, Ruy Castro (1995), como já o fizera em *O anjo pornográfico*, a biografia sobre Nelson Rodrigues, toma de modo muito contido a imprensa como fonte de informação. Nos momentos em que alude a textos e imagens sobre o jogador que a imprensa fez circular, jornais e revistas aparecem mais como “personagens” da biografia sobre Garrincha do que como referência conteudística. Uma passagem da biografia que sinaliza nesse sentido é o excerto em que Castro mostra que a definição do nome do novo ponta-direita que surgia no Botafogo e se mostrava espetacular virou motivo de disputa entre os jornais *O Globo*, que já o chamava de *Garrincha*, e o *Diário da Noite*, que adotara, para o novo jogador do Botafogo o apelido de Gualicho¹ .

Poucas semanas depois, quando Garrincha estreou no Botafogo e desandou a fazer gols, locutores esportivos como Oduvaldo Cozzi e Waldir Amaral, da emissora Continental, já tinham aderido ao nome de Gualicho. Um único locutor da Rádio Globo preferia Garrincha – donde quem ouvisse pelo rádio um jogo do Botafogo, passeando o dial pelas estações – acharia que o mesmo gol tinha sido feito por dois jogadores diferentes. Para piorar, Gualicho, o cavalo, venceu estrondosamente o Grande Prêmio Brasil montado por Olavo Rosa, nove corpos à frente do segundo colocado. Era como se Garrincha estivesse condenado a ser Gualicho.

1 O apelido Gualicho surgiu no *Diário da Noite*. Segundo Castro, Sandro Moreyra, que era repórter do jornal e torcedor militante do Botafogo, foi quem criou o nome por considerar Garrincha um apelido “muito fraco e até um pouco feminino” (CASTRO, 1995, p.61). Além disso, Gualicho era o nome de um dos mais vencedores cavalos da época no Grande Prêmio Brasil.

(...) O eco do nome Garrincha voltou a soar nas redações, mas só o eco. Os jornalistas começaram a se complicar e o resultado é que, nos seus primeiros quatro ou cinco meses de carreira, os jornais o chamaram de Gualicho, Garribo, Carrico, Carricho, Garricho, Garricha, Garrinha, Garrincho e Garrincha. (...) O próprio O Globo, que acertou de primeira, andou variando na grafia. Até que o repórter Geraldo Romualdo da Silva, também em O Globo, encerrou o assunto com a manchete em seis colunas: "MEU NOME É MANUEL E MEU APELIDO É GARRINCHA". (CASTRO, 1995, p.62).

Outro exemplo é o trecho da biografia em que Castro assinala a pressão que Garrincha sofria pela imprensa em função de seu caso com a cantora Elza Soares e sua recusa em operar-se do joelho. Amigo de Garrincha, o jornalista Armando Nogueira fez, por meio de sua coluna, uma série de artigos em defesa do jogador.

Mas o Botafogo era um vilão fácil e, além disso, já fizera aquilo em outras ocasiões. Só que agora alguns dirigentes estavam excessivamente sensíveis a qualquer crítica por causa de Garrincha. Armando Nogueira desencadeou pelo *Jornal do Brasil* uma campanha a favor do jogador e começou a receber telefonemas anônimos: "Ou você para ou nós vamos te eliminar". O telefone de sua casa tocava de madrugada, com ameaças a ele ou a sua mulher, Bruneilde. Para Armando, essas ameaças partiam dos amigos de Brandão Filho, a quem vinha atacando todos os dias por sua truculência, pela insensibilidade e até pelos suspensórios que usava. Armando teve de trocar o número do telefone. (CASTRO, 1995, p. 330).

Importante considerar, portanto, que, diferentemente de Alonso, Castro, mesmo sendo jornalista, não privilegiou a imprensa como fonte direta de informações. Pelo contrário, dá a elas valor secundário, não deixando de cotejá-las com novas pesquisas e muitas entrevistas – cerca de mais 500, com 170 entrevistados, como informa o biógrafo nos elementos pós-textuais de seu livro.

As três biografias eleitas para este trabalho possuem características bem distintas. Vale ressaltar o contexto em que foram criadas e, principalmente, os objetivos dos autores em escrever sobre a vida das personagens. Como afirma Dosse (2009), o biógrafo precisa deixar claros quais são seus interesses e o que o levou a pesquisar e escrever sobre a vida de alguém sinalizando os caminhos percorridos e as escolhas feitas. Essa explicação é o que impede o leitor de duvidar do biógrafo e, assim, estabelecer uma relação de cumplicidade com o autor (MALCOLM, 1995).

As narrativas sobre uma vida podem ser múltiplas. A construção do texto e o trabalho com os dados coletados ao longo de anos de pesquisas fazem com que os resultados sejam distintos, mesmo quando se trata da

mesma personagem. Isso nos indica, assim como defendem autores como Bakhtin (2011), Bourdieu (1996) e Dosse (2009), que não é possível repor uma vida pela narrativa e o que podemos ter são versões, atualizadas e negociadas ao longo dos anos. E esses rearranjos da memória nem sempre são claros, principalmente, em trajetórias de vida marcadas por polêmicas, suspeitas e dúvidas.

Considerações finais

As biografias, como assinalam Bruck (2009), Arfuch (2010) e Santos (2014) têm, de modo significativo, adensado o universo de conhecimentos disponíveis num intenso processo de negociação e, poder-se-ia dizer, em alguns casos, quase de sobreposição entre passado e presente. A mídia, em especial o jornalismo, por sua natureza também documental, acaba, ao seu modo, por referenciar e nutrir processos de construção memorialística. Independentemente das mídias que os suportam, registros textuais e imagéticos referenciam e nutrem nossas percepções do passado mais recente – por assim dizer, uma refração da refração.

Os tensionamentos que marcam tal relação entre relatos que, ao se colocarem como narrativas do presente, também se instituem como substância para a memória e a história revela um complexo jogo de temporalidade em que acabamos por constituir, no presente, as percepções de acontecimentos e situações que no futuro se oferecerão como chaves mestras para a compreensão do passado. Um jogo de temporalidade em que o jornalismo nem sempre é mero coadjuvante, mas balizador efetivo dos sentidos e interpretações que se cristalizarão, retroalimentando e enviesando (des) entendimentos e (in) compreensões.

Ao retratarem as vidas de Garrincha e Simonal, Castro (1995), Alexandre (2009) e Alonso (2011) valeram-se de modo distinto, mas efetivo, de registros midiáticos de personagens que incisivamente marcaram sua época e instalaram-se na memória e no imaginário da sociedade e da própria cultura brasileira. O jornalismo contribuiria, assim, para a construção diária da imagem de personalidades públicas quando retratam situações de sua vida. E, conseqüentemente, para a construção e reconstrução dessas imagens e da memória coletiva sobre determinadas pessoas e/ou situações. Vale ressaltar que as peças do quebra-cabeça da vida das personalidades públicas, montados cotidianamente sem o afastamento temporal pelos narradores do cotidiano, servem de referência para as percepções e interpretações futuras e serão, muitas vezes, utilizadas por biógrafos, jornalistas ou não, como afirmação ou refutação de fatos, circunstâncias e contextos das vidas de biografados.

Referências

ALEXANDRE, Ricardo. **Nem vem que não tem**: a vida e o veneno de Wilson Simonal. São Paulo: Globo, 2009.

ALONSO, Gustavo. **Quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga**: Simonal e os limites de uma memória tropical. São Paulo: Editora Record, 2011.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2003, 23ª edição.

BRUCK, Mozahir Salomão. **Biografias e literatura**: entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009. 219 p.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **Reflexividade e Jornalismo**: algumas aproximações. In: BRUCK, Mozahir Salomão; CARVALHO, Carlos Alberto de; **Jornalismo: cenários e encenações**. São Paulo: Intermeios, 2012. p. 43-58.

CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CORREIA, João Carlos F. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189p.

MALCOLM, Janet. **A mulher calada**: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 220 p.

MOTTA, L. G. F. **Narrativa jornalística e conhecimento imediato de mundo**: construção cognitiva da história do presente. Comunicação & Política, v. 24, p. 45-70, 2006.

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire**. Paris, Gallimard, Vol. I. 1984. Tradução livre oferecida em Mímeo pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: **HISTÓRIA**: volume 1: novos problemas. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. 193 p. (Coleção Ciências sociais). p.179 – 193.

PENA, Felipe. 2002. **Celebridades e heróis no espetáculo da mídia**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. XXV, n. 1: 146-157. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/pena-felipe-vida-show.pdf. Acessado em 23 de outubro de 2013.

PIGNATARI, Décio. Para uma semiótica da biografia. In: HISGAIL, Fani (Org.).

Biografia: sintoma da cultura. São Paulo: Hacker Editores: Cespuc, 1996. (Escrita & Ensaio)

RODRIGUES, A. O acontecimento. In. Traquina, N. (org.). **Jornalismo:** questões, teorias e estórias. Lisboa, Veja, 1993.

SANTOS, Bruna Raquel de Oliveira e. **Limites e possibilidades da biografia:** um estudo acerca dos relatos biográficos sobre o cantor Wilson Simonal. Belo Horizonte, 2014.

SARLO, Beatriz. **Tempo presente:** notas sobre a mudança de uma cultura. Beatriz Sarlo; tradução, Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2005. 238 p.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia das relações sociais.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.